

**Originalmente para:** *Encontro do Serviço de Educação de Bibliotecas Públicas*, realizado em Vila Nova de Paiva, em 20.10.2005 (não foram publicadas as actas respectivas).

# A recuperação da oratura

Rui Marques Veloso

## RESUMO

Recuperando uma prática ancestral, escolas e bibliotecas oferecem-nos o prazer de ouvir histórias bem contadas. Seja através da “Hora do conto”, seja na recuperação da leitura em voz alta, as crianças e os jovens, à semelhança do que se passa com os adultos, entram num universo imaginário que lhes abre janelas para o mundo. Ler e contar histórias continuam a ser um assunto muito sério, que exige preparação e rigor para a obtenção do sucesso: professores e animadores representam, pois, um capital humano, cuja formação é nuclear e exige um investimento sustentado.

Se olharmos o mar ficamos presos ao fluxo e refluxo das ondas que beijam as areias da praia ou batem fragorosamente nas rochas, num *continuum* que nos surpreende pela sua regularidade. O mundo é feito de mudança, já nos dizia Sá de Miranda, mas constatamos que o carácter cíclico de certas alterações não impede que haja a recuperação de determinados elementos, quase uma repetição, ainda que dotada de roupagens diferentes. Por vezes, tragicamente, o homem não aprende com os seus erros e vemos cometerem-se as mesmas acções que conduzirão aos mesmos resultados nefastos, como se fôssemos incapazes de interpretar a memória colectiva; outras vezes, felizmente, há uma releitura do passado e uma preservação correcta do que de bom foi feito. O jornalista Fernando Dacosta afirmava, numa entrevista concedida a José Gabriel Viegas, que *preservar a memória é ser revolucionário* e adiantava que *sem memória não há pensamento, sem pensamento não há ideias, sem ideias não há imaginação e sem imaginação não há futuro*. Retive estas palavras, porque elas vão ao encontro do que vos pretendo dizer, no que diz respeito à recuperação da oratura; há saberes e crenças que preenchem a nossa identidade cultural, transmitidos oralmente, numa cadeia transgeracional, através de contos e de rimas, que não podemos ignorar sob pena de nos tornarmos meros fantoches manipulados por poderes obscuros.

A comunicação interpessoal sempre foi um elemento estruturante das sociedades, já que a informação e o conhecimento, peças-chave do desenvolvimento, encontravam aí o suporte necessário para o progresso da sociedade. Os microcosmos que são a família e a escola têm neste tipo de comunicação presencial a matéria que pode cimentar as relações e garantir o crescimento das pessoas, como seres pensantes e comprometidos no plano da cidadania. Vivemos tempos em que a comunicação virtual ocupa um espaço significativo, permitindo, à distância de um clique, contactar os antípodas; com efeito, as galáxias

de Marconi e de Gates anularam as fronteiras que poderiam impedir a comunicação interpessoal e de massas, viabilizando, inclusivamente, atingir o espaço sideral. Vivemos na era da comunicação e, por isso mesmo, o nosso quotidiano caracteriza-se por situações de permanente recolha e transmissão de informação, indispensável ao funcionamento do todo que é a sociedade. Nas sociedades desenvolvidas, a imagem ganhou um peso extremo, sendo inconcebível, especialmente para os mais jovens, viver sem o alimento icónico indispensável à informação e ao conhecimento; digamos que há uma ditadura da imagem, aceite passivamente, e quase desejada, por larga margem dos cidadãos. O caso português é paradigmático neste campo, sendo assustadores o consumo do telelixo e as consequências, no plano da cidadania, que ele acarreta. Em que medida a oratura pode alimentar um contrapoder que faça frente a esta ditadura? Se muitos argumentam que uma imagem vale mil palavras, não deveremos nós responder que uma palavra despoleta mil imagens? Como é possível num tempo de comunicação existir tanta incomunicação?

Não pretendo, como é óbvio, recuar para um tempo que não existe; estou aqui e agora, olhando para o presente e lutando por um futuro melhor. As tecnologias de comunicação e informação vieram para ficar. É com elas que vivemos e temos de as saber utilizar para benefício de todos. Não posso, contudo, assistir, passivamente, à perda de momentos de comunicação interpessoal, onde o carácter presencial é um elemento indispensável aos laços de solidariedade e de comunhão para os quais o ser humano, que é um animal social, está naturalmente vocacionado. O prazer da palavra dita e ouvida é insubstituível. Ora, cabe a nós, que sabemos que a palavra é o princípio de todas as coisas, lutar pela recuperação de um espaço verbal onde a intercomunicação possa continuar a veicular os saberes, as crenças, os valores que nos marcam como indivíduos e como seres que partilham uma casa comum que é o mundo.

Assiste-se, hoje, a uma recuperação da oratura visível no surgimento de contadores de histórias que mostram a sua arte em bibliotecas ou noutros espaços de animação, na valorização do saber dos velhos traduzida nos convites para tornar a memória viva junto dos mais novos, na recolha pontual de contos presentes na memória oral dos informantes, na recriação literária de velhos contos tradicionais, na adesão clara de crianças e adultos ao puro prazer de ouvir contar histórias, na investigação a nível universitário sobre esta matéria. Este Encontro, tal como muitos outros, de que realço *As Palavras Andarilhas*, que é uma referência maior, constitui um bom sinal do que está a acontecer. Uma oralidade sustentada tem de ser cultivada; por isso incluo, por extensão, no âmbito da oratura a leitura em voz alta, um exercício, que é também um prazer, a exigir trabalho e rigor de aplicação. Como professor preocupa-me a formação inicial e contínua dos meus pares; trabalho nesta área há trinta anos e luto pela sua presença nos bancos da escola, mas devo confessar que ao lado de momentos de saboroso êxito confronto-me com situações de resistência de difícil explicação. Aos mais cépticos, lembro as palavras do Nobel José Saramago, no célebre Discurso pronunciado na Academia Sueca, em 7 de Dezembro de 1998, onde recordou o seu avô Jerónimo Melrinho, analfabeto, homem de grande sabedoria que lhe contava histórias debaixo da figueira, afirmando que a sua presença ali, como laureado, a ele se deve<sup>1</sup>. A humanidade e a lição de vida que perpassam no

<sup>1</sup> José Saramago, *Discursos de Estocolmo*, Lisboa, Caminho, 1999

seu discurso tocaram profundamente os académicos e convidados, porque ali estava a verdade – a literatura tem as suas raízes na vida e na sua verbalização.

A literatura popular é anónima, por natureza, já que as versões que nos chegam, fixadas ou não por escrito, têm as marcas de um trabalho colectivo que resulta das muitas interpretações que o povo foi realizando, já que o contador é um intérprete pontual da tradição. A transmissão oral é o seu carácter dominante, sendo a palavra falada e, por isso, poética, o espírito, a razão do universo; *a literatura popular é quase toda ela inventada para ser ouvida (...) pois narrador e ouvintes formam um todo, que a peça movimenta, provocando emoção e reflexões, que ora se ficam pela agitação interior, ora se exteriorizam por meio de gestos, exclamações, risos, comentários, como demonstrou Viegas Guerreiro<sup>2</sup>. A permanência dos contos populares não anula a criação de novos contos, com todas as características da contemporaneidade; há um maravilhoso diferente que não corta as raízes com as formas primevas, antes as tonifica. De comum temos o imenso prazer de ouvir os contos; ninguém recusa o encantamento de receber a palavra dita, expressivamente articulada, que vai ao encontro de necessidades inconscientes e de uma satisfação só explicável em termos emocionais. Cada um reage à sua maneira, precisamente porque não há duas leituras iguais, consequência dos percursos de vida dos ouvintes; a imaginação gosta do inesperado e trabalha os elementos recolhidos de forma imprevisível. A psicanálise e a antropologia trouxeram nas últimas décadas novos elementos para a compreensão da complexidade e da significância dos contos populares, em particular dos que têm uma dimensão universal. O reconhecimento do inesgotável interesse das crianças por certos contos e do impacto que outros têm junto dos adultos permitiu um revisitar o maravilhoso, valorizando-o. A linguagem simbólica neles presente assume uma capacidade de penetração nas fibras mais profundas do ser, indo ao encontro dos fantasmas que povoam o seu *id* e realizando uma catarse pacificadora devido à sua força reveladora. Na verdade, de que falam os contos? Do mundo e do homem, constituindo percursos iniciáticos para os mais jovens e territórios de maturação para os adultos; a vida, porque é uma constante viagem e uma permanente fonte de aprendizagem, tem nas narrativas um verdadeiro instrumento pedagógico pronto a iluminar os trilhos. O contador é um pedagogo e a sua voz celebra o poder da comunicação. Quem não recorda, no início do célebre conto de Torga, *O Sésamo*, a figura do contador de histórias – *Em Urros, ao lado da instrução da escola e da igreja, a primeira dada a palmatoadas pelo mestre e a segunda a bofetões pelo prior, havia a do Raul, gratuita e pacífica, ministrada numa voz quente e húmida, que ao sair da boca lhe deixava cantarinhas no bigode*<sup>3</sup>.*

Dir-me-ão que os contadores de histórias são uma raça em extinção, pois a televisão, a Internet e os jogos de computador preenchem os centros de interesse de jovens e adultos; por outro lado, o progresso do conhecimento científico não pactua com universos maravilhosos. O facto de assistir a um renovado interesse pela arte de contar leva-me a ter uma opinião diferente: há um claro fortalecimento do poder da palavra oral e uma revalorização da leitura em voz alta. As bibliotecas municipais têm programas de animação de leitura muito interessantes e os seus técnicos trabalham com grande rigor e entusiasmo para cativar os leitores mais jovens, alimentando nestes uma

<sup>2</sup> M. Viegas Guerreiro, *Para a História da Literatura Popular*, Lisboa, ICLP, 1983, págs. 14-15 e 32.

<sup>3</sup> Miguel Torga, *Novos Contos da Montanha*, Coimbra, e.a., 1967, pág. 101

saudável dependência de histórias sabiamente lidas ou contadas. Nos jardins de infância encontro um progressivo número de educadores a praticarem a *hora do conto* de forma ritualizada, cumprindo as normas básicas da sua execução; alguns professores do 1º ciclo já perceberam a importância da leitura em voz alta e sabem que não é uma perda de tempo – antes um investimento altamente rendível – recorrerem regularmente a um espaço para ler/contar histórias. Falta, no entanto, estender estas boas práticas a todos os que participam na educação das crianças, a começar pelos pais. Estes têm de perceber que os minutos dados aos filhos, numa cumplicidade de leitura ou conversa, substancialmente diferente da realização dos trabalhos escolares, reforçam os laços afectivos e são muito mais importantes do que os passados à frente do televisor ou da pantalha do computador. Por outro lado, a televisão não é uma *baby-sitter*, por muito que o comodismo de alguns progenitores o queira fazer valer; não falo já, porque é muito grave, da permissão da assistência a programas totalmente inadequados e lesivos para o seu equilíbrio emocional. O prazer de ouvir a voz terna dos pais ou dos avós no acto mágico do contar supera largamente o impacto do médium frio que é a televisão.

Estar em final de carreira gera em mim uma certa angústia, porque vejo o tempo a fugir e um país que teima em não sair de uma iliteracia paralisante. Sinto que há boas práticas que têm de ser cultivadas, mas constato igualmente a existência de forças de inércia que se opõem a qualquer mudança que lhes exija eficácia e avaliação do seu trabalho; não escamoteemos o sério risco de atingirmos o limiar do irreversível, porque a margem de que dispomos neste momento é mínima. Referindo-se ao estado de autoflagelação em que a sociedade portuguesa se encontra, Boaventura de Sousa Santos afirmava em crónica recente que *Portugal necessita urgentemente de um pensamento cordial a seu respeito, de um pensamento crítico sem complacências mas construtivo à medida das possibilidades do país*<sup>4</sup>. Em vez de carpirmos as nossas mágoas, valorizemos as propostas cujo êxito estará garantido desde que haja empenho e trabalho. A promoção da leitura e da oratura representa um caminho incontornável. Não podemos pactuar com o facto de as crianças não se tornarem leitoras; aos primeiros sinais de dificuldade ou de desânimo dos nossos alunos, há que encontrar estratégias adequadas para que o abandono não prevaleça. Todos sabemos que, dada a transversalidade da língua materna, o sucesso escolar está condicionado pela competência de leitura dos nossos alunos. O treino regular, inicialmente em termos de recepção, depois no plano da execução, levará à aquisição de automatismos e de aptidões cruciais. A hermenêutica do texto e o exercício da imaginação alimentam um saber ler, ora funcional, ora hedonista, que tornam o indivíduo um ser autónomo e disponível para dinâmicas sociais.

Ouvir histórias bem contadas ou lidas tem, especialmente para a criança, um peso extraordinário para o seu desenvolvimento. O prazer tem de ser gratuito, pois só assim é possível viver subjectivamente os conteúdos e a forma: o adulto vibra, porque sente que comunica ao outro, neste caso a criança, as alegrias, os medos, os triunfos, a conquista da felicidade, enfim, a escola da vida, contribuindo para a construção do seu devir; a criança frui o prazer da fantasia, da descoberta do mundo, da clarificação das suas angústias, e, acima de tudo, da cumplicidade feliz à volta de uma história contada ou lida para ela.

<sup>4</sup> Boaventura de Sousa Santos, “E se a justiça fosse parte da solução?” in *Visão*, 13.10.2005, pág. 154

Antes dos seis anos, os pequenos “leitores” não sofrem a ansiedade das fichas, da falta de tempo para outras matérias, dos exercícios de reconto. Estes serão os fantasmas que vão perturbar os momentos de leitura no 1º ciclo. Há que separar os momentos de ensino-aprendizagem da língua materna dos momentos visceralmente lúdicos (e o Programa Oficial aponta nesse sentido) de leitura, onde a *hora do conto* pontifica; tenho múltiplos testemunhos de colegas que se organizam neste sentido com resultados palpáveis que os entusiasma. A felicidade de ouvir, vivida pelos alunos, é idêntica, assim como a plenitude solidária da vivência dos acontecimentos e do reconhecimento pela dádiva oferecida pelo professor. O trabalho de selecção e preparação é grande, mas a satisfação e a certeza de que as crianças nunca esquecerão quem lhes contou ou leu histórias constitui a melhor paga. Nos momentos formais de aprendizagem, que não se confundem com o espaço lúdico – não acredito numa escola lúdica, perdoem-me os seus paladinos –, o professor deverá privilegiar a leitura literária e todo o trabalho de interpretação; este tem sido o grande obstáculo do desenvolvimento de competências dos nossos alunos. A leitura literária não pactua com questionários redutores e lineares, antes promove o pensamento divergente e o primado da fruição estética. Uma das formas de valorizar o texto na sua unidade e virtualidades é a leitura em voz alta, acto que durante muito tempo esteve esquecido em nome da leitura silenciosa; ora uma não se opõe à outra, nem se excluem. Se a leitura silenciosa é a mais frequente e rápida, visando, porque só intervêm os olhos e o cérebro, a percepção do conteúdo e o subjectivismo do indivíduo leitor, e, conseqüentemente, representa a consecução de um dos objectivos do nosso ensino, a leitura em voz alta oferece uma mediação que valoriza imensamente o texto junto dos receptores. A palavra passa a ter uma existência física aérea, tocando-nos com a sua sonoridade, deslumbrando-nos com a beleza que o significante oferece; outras vezes é a frase na sua integridade ou a sequência de versos que nos dão a harmonia rítmica à qual os nossos ouvidos são sensíveis. Recordo, com saudade, os textos lidos ou as palavras ditas por David Mourão-Ferreira ou Mário Viegas. As crianças gostam de ouvir a leitura do professor, já que ela poderá constituir meia compreensão do texto, e saborear a sua qualidade. Por isso, ela tem de ser preparada e nunca deixada ao improvisado, uma das pedras da nossa forma de actuar. Deixem-me transcrever as palavras de Daniel Pennac que me parecem sintetizar o que acabo de referir. *O homem que lê em voz alta expõe-se em absoluto. (...). Se nessa leitura coloca o seu saber, dominando o seu prazer, se a leitura é um acto de simpatia tanto para com o auditório como para com o texto e o seu autor, se consegue dar a entender a necessidade de escrever acordando a nossa mais obscura necessidade de compreender, então os livros abrem-se por completo, e a multidão dos que se julgavam excluídos da leitura, mergulham nela atrás dele*<sup>5</sup>.

Ler ou contar histórias exige ensaio e conhecimento efectivo do texto. Um namoro prévio com o texto escolhido é aconselhável para que a leitura o valorize na sua natureza estética. Quem lê tem de sentir as palavras na boca, qual manjar a ser degustado para gáudio dos ouvintes; estes sentirão a melodia das palavras e o bem-estar dessa recepção. Diz-nos Georges Jean que, quando lê em voz alta, *experimenta o prazer singular de ouvir ou re-ouvir uma voz que provém de um outro que sou eu*<sup>6</sup>. As crianças gostam de ler em

<sup>5</sup> Daniel Pennac, *Como um Romance*, Porto, ASA, 1993, pág. 165

<sup>6</sup> Georges Jean, *La lecture à haute voix*, Les Éditions de l’Atelier, 1999, pág. 79

voz alta e concorrem entre si para ter esse privilégio na sala de aula. Todos sabemos que esse exercício acentua as dificuldades de cada um; por isso, pais e professores deveriam estimular estes jovens leitores, mostrando-lhes que o treino, a percepção dos elementos prosódicos e prévias leituras silenciosas conducentes à interpretação do texto e sua posse plena são meios para atingir a excelência. Eveline Charmeux, especialista nesta matéria, sublinha isto mesmo, chamando a atenção para o facto de só *após ter lido, ser possível ler em voz alta; é preciso saber o que se compreendeu e o que se quer dar a compreender. Em suma, é preciso ter um projecto de comunicação, ser capaz de o realizar e é isso que é necessário aprender. Mas uma tal aprendizagem só tem sentido, quando já se sabe ler*<sup>7</sup>. Com a experiência, o leitor sabe distinguir o modo de ler um texto informativo do modo de um texto literário e, dentro destes, marcar as diferenças entre os textos dramático, narrativo e lírico. A oratura é diferente da mera oralidade, precisamente porque é *pedagógica, convivial, ritual, degustação da palavra, e permite fazer renascer textos pela voz humana (...) possibilitando a todos a aquisição pessoal de uma cultura fundamental e não virtual*<sup>8</sup>.

Família, Escola e Biblioteca são espaços de oratura que têm de ser preservados e estimulados, como alternativa aos territórios virtuais que seduzem quer os mais jovens, quer os adultos. Para isso tem de existir uma estratégia concertada que possa ser sustentada por um projecto de vida, onde a cultura do texto seja um facto. Não disponho de qualquer solução mágica para isso; verifico, porém, que há uma recuperação natural do prazer de ouvir e de produzir texto oral, o que me deixa motivado para continuar o meu percurso na sua defesa. Nas escolas, contar ou ler, com rigor e qualidade, em voz alta é tarefa do bom professor, que treinará os alunos no seu exercício regular. As bibliotecas, potencializando o seu acervo e os recursos humanos de que dispõem, alimentam as comunidades de leitores e valorizam a “hora do conto”. As famílias, compreendendo que têm o privilégio de alimentar a imaginação das crianças e de fortalecer os laços de afecto que unem os seus elementos, têm de preservar espaço para contar ou ler histórias, porque isso representa um investimento no curto prazo, mas fundamentalmente no Futuro. Não estou a avançar com propostas originais; limito-me a recuperar muito do que outrora se fazia, porque havia um saber de experiência feito, e tempo; hoje, há um saber fundamentado na investigação científica que nos aponta um caminho muito claro. Ignorá-lo poderá levar-nos à perda de uma identidade cultural e a mergulhar numa massificação e globalização letais. O meu visceral optimismo leva-me a acreditar que vamos conseguir, porque encontro nas minhas andanças por este país uma excelente rede de bibliotecas, centros culturais dinâmicos, animadores e professores adoptando boas práticas, pais preocupados com o modo de educar os filhos. Está, pois, na nossa mão melhorar o Presente, para não hipotecarmos o Futuro.

Coimbra, Outubro 2005

<sup>7</sup> Eveline Charmeux, *Apprendre à lire, Échec à l'échec*, Paris, Milan, 1998, pág. 130

<sup>8</sup> Georges Jean, *Ibidem*, págs. 170-171